



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Economia/FACE; Instituto de Química;
Instituto de Geociências; Instituto de Biologia e Centro de
Desenvolvimento Sustentável

CURSO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS

ATIVISMO CLIMÁTICO: ESTUDO EXPLORATÓRIO DO PERFIL DE JOVENS ATIVISTAS

CAIO COUTO SAMPAIO

Brasília 2022

CAIO COUTO SAMPAIO

ATIVISMO CLIMÁTICO: ESTUDO EXPLORATÓRIO DO PERFIL DE JOVENS ATIVISTAS

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Ambientais da
Universidade de Brasília como exigência para obtenção do grau
de bacharel em Ciências Ambientais, na Universidade de
Brasília, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Guilherme Maidana
Capelari

Brasília
2022

CAIO COUTO SAMPAIO

ATIVISMO CLIMÁTICO: ESTUDO EXPLORATÓRIO DO PERFIL DE
JOVENS ATIVISTAS

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Ambientais da Universidade de Brasília como exigência para obtenção do grau de bacharel em Ciências Ambientais, na Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Guilherme Maidana Capelari

BRASÍLIA, 29 de março de 2022.

Banca Examinadora

Prof. Mauro Guilherme Maidana Capelari
Orientador

Prof. Uidemar Moraes Barral
Examinador

RESUMO

As emergências climáticas estão assolando cada vez mais um planeta que está se exaurindo devido a demasiada exploração e o descontrole no consumo, colocando em risco, o futuro das pessoas, mais especificamente dos jovens. Apesar de ativistas jovens já terem feito protestos relevantes em relação a esse tema no passado, foi a partir das greves realizadas pela sueca Greta Thunberg que jovens ao redor do mundo se concatenaram em prol de protestar contra a crise climática. A partir desse movimento surgiram vários grupos como o Fridays For Future, grupo que possui uma hierarquia horizontal, em que todos possuem os mesmos direitos de fala e representação, formado por jovens ao redor do mundo. Esse grupo possui um braço no Brasil, que atuou e atua em diferentes frentes e em diferentes questões, e essa é a pergunta que esse trabalho irá responder: qual o perfil socioeconômico, motivacional e político dos ativistas jovens que militam em prol de causas climáticas no Brasil? A metodologia utilizada foi constituída de uma abordagem qualitativa com perfil exploratório e descritivo. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada em um roteiro, aplicado por chamada de vídeo com seis jovens de idade entre 17 e 19 anos e residentes em vários estados do Brasil. Os resultados apontam que os jovens são majoritariamente do gênero feminino, a maioria se considera branco, mas existe uma grande parcela de negros e indígenas. A distribuição geográfica se encontra predominantemente no Sudeste, e quase em sua totalidade são bolsistas em escolas particulares. Todos eles são engajados em pautas ambientais e sociais, tendo uma diferença no alinhamento de pensamento sobre ambientalismo e socioambientalismo. Todos se mostraram alinhados a um pensamento político de esquerda e possuem um nível razoável de conhecimento acerca de leis ambientais nacionais e internacionais. O trabalho também mostrou que esse alinhamento de conhecimento é algo necessário para o grupo. Esse trabalho é de suma importância pois visa elucidar e auxiliar futuras pesquisas acerca do tema ativismo ambiental jovem, o qual não possui uma gama grande de informações e pesquisas, mas que já se mostra relevante no cenário geopolítico global.

Palavras-chave: jovens ativistas; mudanças climáticas; perfil socioeconômico, motivacional e político

ABSTRACT

Climate emergencies are increasingly ravaging a planet that is being depleted due to too much exploitation and lack of control in consumption, putting people's future at risk, more specifically young people. Although youth activists have already made relevant protests in the past, it was from the school strikes carried out by the Swedish Greta Thunberg that young people around the world joined together to protest the climate crisis. From this movement, several groups emerged such as Fridays for Future, a group that has a horizontal hierarchy, in which everyone has the same rights of speech and representation, formed by young people around the world. This group has representation in Brazil, which has acted and is active on different fronts and on different issues, and this is the question that this work will answer: what is the socioeconomic, motivational and political profile of young activists who militate for climate causes in Brazil? The methodology used consisted of a qualitative approach with an exploratory and descriptive profile. Data collection was carried out through a semi-structured interview in a script, applied by video call with six young people aged between 17 and 19 years old and residing in several states of Brazil. The results show that young activists are mostly female, most consider themselves white, but there are a large portion of blacks and indigenous people. The geographic distribution is predominantly in the Southeast, and almost all of them are scholarship holders in private schools. All of them are engaged in environmental and social agendas, having a difference in the alignment of thinking about environmentalism and socio-environmentalism. All of them showed to be aligned with left-wing political thinking and have a reasonable level of knowledge about national and international environmental laws. The work also showed that this alignment of knowledge is something necessary for the group. This work is of paramount importance because it aims to elucidate and assist future research on the topic of young environmental activism, which does not have a wide range of information and research, but which is already relevant in the global geopolitical scenario.

Keywords: young activists climate changes, socioeconomic, motivational and political profile

LISTA DE QUADROS E GRAFICOS

QUADRO 1: CARACTERISTICAS GERAIS DOS ENTREVISTADOS	21
QUADRO 2: PERFIL SOCIOECONOMICO	24
QUADRO 3: AÇÕES E TIPOS DE DISSIDÊNCIA	28
GRAFICO 1: AUMENTO DO NÚMERO DE ATIVISTAS PÓS COP-15	12

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA	8
1.2 PERGUNTA	9
1.3 OBJETIVOS GERAL E ESPECIFICOS	9
1.4 JUSTIFICATIVA	9
2. REFERÊNCIAL TEÓRICO	11
3. METODOLOGIA	19
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO QUESTIONARIO	19
3.2 TECNICAS DE ANÁLISE	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS DE CAMPO	22
4.1 PERFIL SOCIOECONOMICO	22
4.2 ENTENDIMENTO DO VIÉS IDEOLOGICO E POLÍTICO	24
4.3 CONHECIMENTO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS E ACORDOS INTERNACIONAIS	29
4.4 MOTIVAÇÕES E ATUAÇÕES NOS MOVIMENTOS CLIMÁTICOS	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34

REFERÊNCIAS	36
6. ANEXOS	38

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do tema

Quando pensamos em políticas públicas, em especial em políticas ambientais, temos em nosso imaginário a ideia de que a responsabilidade para o desenvolvimento de tais ações devam vir do governo e suas ramificações institucionalizadas, porém o ator-cidadão, é capaz de criar estratégias e movimentações que podem impactar positivamente o andamento dessas medidas. Segundo Leonardo Secchi (2014) o significado da palavra ator político vem para dar conotação de dinamismo e “nesse sentido há um entendimento de que os indivíduos, grupos e organizações que influenciam o processo político não tem comportamento ou interesses estáticos, mas sim dinâmicos de acordo com os papéis que interpretam” (SECCHI, 2013, p. 101).

O autor ainda argumenta que os atores podem ser divididos entre governamentais e não governamentais e dentro do segundo existem os grupos de interesse. De acordo com Cotta, Della Porta e Morlino (2001) “Um grupo de interesses é um grupo de pessoas organizadas voluntariamente que utiliza recursos para influenciar decisões e políticas públicas”.

Dentro dessa classificação podemos classificar os movimentos sociais, segundo Pierre Lascoumes e Patrick Le Galés (2012), como “os movimentos sociais são poderosos atores nas transformações das políticas públicas e na contestação da ordem política”. Segundo Monteiro (2020) esse movimento permite que a sociedade civil se organize em um modelo “de baixo para cima”, em que se trabalha políticas públicas como um sistema social autônomo que progressivamente define suas regras de ação.

Devido aos avanços da degradação do meio ambiente, dos problemas que esta degradação causa e dos riscos que coloca sobre as gerações futuras há uma crescente e bem estruturada articulação de movimentos sociais nas políticas ambientais e, mais recentemente, nas políticas climáticas (FISCHER & NASRIN, 2020).

As mudanças ambientais e estilo de vida de consumo levam atores e movimentos sociais ao ativismo ambiental, e dentro dessa ação existem grupos e atores jovens que estão se mobilizando e sendo ativos nessa questão. Desde 1992 quando a canadense de 12 anos Severn Cullis-Suzuki fez o pronunciamento na *Earth Summit*, até 2018 com a sueca Greta Thunberg com “*School Strike for Climate*”, os jovens vêm se mostrando cada vez mais interessados e engajados no ativismo. Segundo Han & Ahn (2020) os jovens e suas diversas gerações são ligadas de múltiplas formas com a natureza, mas vivem experiências negativas e com

prognósticos pessimistas. As mudanças climáticas acarretam efeitos em suas saúdes físicas e mentais. Os autores também apontam que várias dimensões de suas vidas, incluindo sua segurança, bem-estar e até saúde mental serão negativamente afetados pelas mudanças climáticas.

Tomando como base o ativismo jovem com efeitos diretos nas mudanças climáticas, segundo Fisher & Nasrin (2020) grupos de jovens comprometidos com o meio ambiente podem militar sobre a redução da pegada ecológica, criando estratégias para interação entre o indivíduo e o contexto em que estão inseridos, mudando o consumo e a relação com o ambiente. Dada a importância e relevância deste tema, essa pesquisa vem com o intuito de compreender o perfil do ativista jovem, quais são as suas técnicas e ferramentas de atuação e, principalmente, como isso poderá influenciar nas tomadas de decisões nas políticas públicas no Brasil.

1.2 Pergunta

Analisar o perfil socioeconômico, motivacional e político dos ativistas jovens que militam em prol de causas climáticas no Brasil.

1.3 Objetivos específicos

- Mapear pesquisas empíricas no Brasil que já levantaram o perfil destes jovens ativistas pelo clima;
- Levantar e analisar o perfil socioeconômicos dos ativistas jovens brasileiros que atuam nas causas climáticas;
- Levantar e analisar as motivações destes jovens ativistas climáticos;
- Levantar e analisar os instrumentos políticos utilizados pelos jovens para influenciar os tomadores de decisão;

1.3 Justificativa

Esse trabalho se justifica pela importância do ativista jovem nos movimentos climáticos e na redução das emissões de carbono e pela falta de dados sobre eles. Esse relevante parcela dos ativistas climáticos – os jovens – são atores de alta relevância na contemporaneidade e não estão sendo estudados.

Congregar dados sobre o jovem ativista se torna pertinente visto que, segundo Shugarman no livro *“How to talk to your kids about climate change: turning angst into action”*, as suas atuações podem ajudar a resolver a crise ecológica e climática através de projetos de ação direta ou advogando por políticas que protejam o planeta. Greta Thunberg se tornou uma referência no ativismo climático jovem com o *“school strike for climate”* que, segundo Han & Ahn (2020), foi lançado em 2015 em frente ao parlamento sueco onde ela jurou que continuaria os protestos até o governo estabelecer as metas de carbono do acordo de Paris. Greta foi creditada a juntar mais de 10 milhões de ativistas climáticos segundo a *ONG Fridays for future*, considerando a associação observada anteriormente entre ações coletivas “duras” como protestos, e ações coletivas “brandas”, como assinar petições e votação (SHI et al.,2015). Foi previsto que ela influenciou várias outras ações coletivas, como votação, doação, e convocar funcionários do governo (SABHERWAL, 2020).

Os efeitos das ações de Greta são inegáveis, inclusive é chama de proto-líder, pois ela teria “moldado as normas de ação coletiva sobre as mudanças climáticas. O programa de comunicação de Yale sobre mudanças climáticas mostra tendências recentes que, ao contrário de uma década atrás, adultos mais jovens agora expressam maiores intenções de assumir coletividade e ação política sobre o aquecimento global do que adultos mais velhos” (SABHERWAL, 2020, p. 5)

Segundo Bergman (2018), é possível olhar para um mundo com uma economia de baixo carbono, contribuindo para o entendimento da participação da sociedade civil na governança global. O protesto de Greta focou nas metas de carbono visando o acordo de Paris (HAH & AHN ,2020) e também apresenta um argumento que focar no acordo denota uma marca menos radical e mais adequada para investidores convencionais (BERGMAN, 2018). Fisher & Nasrin (2020) dizem que pesquisas futuras devem ampliar esses estudos e avaliar mais sistematicamente a relação entre os esforços dos indivíduos para reduzir suas pegadas ecológica e os resultados reais desses esforços em termos de redução de emissões.

Nesse sentido, é notória a necessidade de maior compreensão do perfil socioeconômico, motivacional e político destes ativistas no Brasil, uma vez de seu poder de influência sobre tomadores de decisão adicionados de seu tamanho, que a cada ano vem se mostrando cada vez mais denso e espalhado por diversas partes do globo. Tais características tornam essa pesquisa necessária.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo realizado terá como base conceitos teóricos que validem o ativismo ambiental jovem através de ações diretas, que buscam atingir o objetivo de reduzir a pegada ecológica do coletivo e a manutenção da temperatura do planeta, evitando o aquecimento global. Segundo o IPCC, a mudança climática é um desafio global que requer ação imediata. Ao celebrar os seus 30 anos de existência, o instituto lançou um relatório especial sobre o aquecimento global de 1,5 ° C. O número de estudos projetando impactos em 1,5 ° C ou 2 ° C do aquecimento global aumentou nos últimos tempos (IPCC, 2018). Os estudos conseguem estimar o efeito diferencial de 1,5°C e 2°C de aquecimento global na disponibilidade de água e impactos na agricultura usando um conjunto de simulações (IPCC, 2018). O estudo também nos mostra as mudanças projetadas nas precipitações médias a 1,5°C e 2°C no aquecimento global.

Ambos aquecendo, os níveis exibem diferenças robustas na precipitação média em comparação com o período pré-industrial. Em relação às diferenças a 2 ° C em comparação 1,5 ° C no aquecimento global, algumas regiões são projetadas para exibir precipitações maiores a 2 ° C em comparação com a de 1,5 ° C do aquecimento global como a diminuição de precipitação na área do mediterrâneo, incluindo o sul da Europa, a península arábica e o Egito, ou aumenta em altas latitudes (IPCC, 2018).

Segundo Silvia & Paula (2009) grande parte da comunidade científica acredita que o aumento da concentração de poluentes antropogênicos na atmosfera é a causa principal do efeito estufa, conseqüentemente do aquecimento global. Independentemente de sua causa, o efeito estufa antrópico ou a recuperação natural do clima após três séculos (séculos XVII a XIX) de baixas temperaturas durante o período da “Pequena Idade do Gelo” tem ocasionado efeitos devastadores nos ecossistemas.

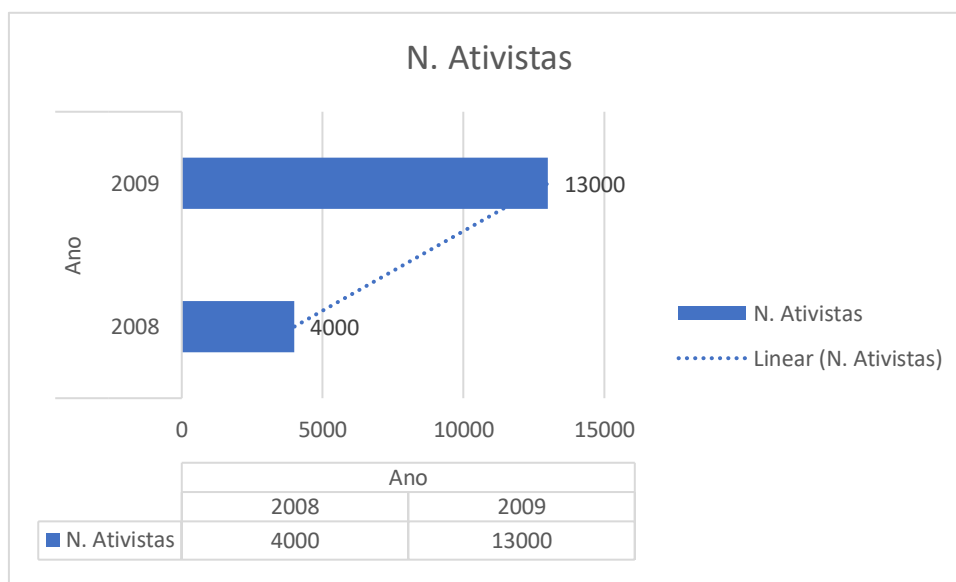
De acordo com a *University of Toronto Press* (ALLAN, 2020), há mais de uma década que está sendo estabelecido a governança internacional sobre as mudanças climáticas. A convenção-quadro das Nações Unidas sobre o clima, ou UNFCCC (*United Nations Framework Convention on Climate Change*) foi um tratado assinado em 1992 no Rio de Janeiro na conferência da ONU sobre meio ambiente e desenvolvimento. Foi criado “uma estrutura de cooperação internacional para combater as mudanças climáticas, limitando os aumentos médios da temperatura global e as mudanças climáticas resultantes, e lidando com os impactos que eram, até então, inevitável” (UNFCCC, 2021). Outro ponto colocado pela *University of Toronto Press* é que apesar do estado ser a peça central, atores não governamentais como ONG’s,

investidores e organizações religiosas assumiram o desenvolvimento e a implementação de ações para leis e políticas internacionais sobre mudanças climáticas.

Segundo Hadden (2015), o ativismo climático ganhou força após a 15ª Conferência das Partes (COP-15), organizada no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre o Clima Mudança (UNFCCC) em 2009 na cidade de Copenhagen.

O autor relaciona a mudança de comportamento sobre as mudanças climáticas com o descontentamento de atores não governamentais como mulheres, ativistas jovens, indígenas e todo movimento de justiça global. Os números apresentados por Hadden (2015) nos permitem aferir que o evento na Dinamarca foi um divisor de águas para o ativismo ambiental. Segundo o autor houve um aumento de trinta e cinco por cento no número de registros de organizações não governamentais, chegando a 1.319. O número de indivíduos que eram cerca de 4.000 em 2008, subiu drasticamente para mais de 13.000 em 2009. O trabalho mostra que desde 1992 no evento do Rio de Janeiro houve um crescimento anual nas organizações, e o seu cumulativo se apresentou em uma crescente constante, mas após o ano de 2009 é que houve um aumento significativo no número de organizações socioambientais que militam em torno da agenda do clima.

Gráfico 1 – Aumento do número de ativistas pós COP-15



Fonte: Autoral (2022)

Existem alguns estudos que buscam compreender a lógica individual e coletiva em torno da agenda do clima, como o quadro teórico proposto por Roser-Renouf (2014):

Propomos que as expectativas de resultados e percepções de eficácia influenciam as respostas das pessoas às mudanças climáticas de duas maneiras: primeiro, as pessoas que têm expectativas negativas sobre as mudanças climáticas (percepções de alto risco) e as que acreditam no coletivo da humanidade com potencial para reduzir a ameaça (alta eficácia coletiva) irá desenvolver crenças de que a sociedade e a ação de mitigação deve ocorrer e o envolvimento emocional necessário para motivar o comportamento. As pessoas então avaliarão suas opções de resposta. Aqueles que acreditam que os legisladores serão responsivos ao ativismo dos cidadãos (alta eficácia de resposta), e que se sentem capazes de se engajar em comportamentos ativistas (alta autoeficácia) terão maior probabilidade de agir (ROSER-RENOUF, 2014 p. 164).

Bergman (2018) apresenta um modelo que divide os impactos do ativismo por categorias: cultural (resultaria na criação de novas identidades e o desenvolvimento de uma consciência coletiva entre os atores); de mobilização (a capacidade do coletivo de conseguir se agrupar e se organizar para realizar ações com impactos nas gerações futuras); político (influenciar a agenda política e as estruturas de poder e obter o reconhecimento como grupo legítimo dentro da discussão) e financeiro (mudança nos investimentos reais e em projetos que sejam de redução de emissão de gás carbônico, mudança nas normas financeiras e criação de fundos de carbono zero).

O ativismo político se mostra de uma importância ímpar pois é “diverso, mobilizando as pessoas a participarem de esforços diretos para mudar o comportamento do indivíduo, bem como em ações indiretas que visam pressionar os atores econômicos e políticos” (FISCHER & NASRIN, 2020, p. 11). Apesar do grande número de estudos, os autores apontam algumas lacunas “estudos que realmente determinam os efeitos do ativismo climático são mais robustos quando avaliam os esforços que visam efeitos diretos” (FISCHER & NASRIN, 2020, p. 15). Os autores consideram que as pesquisas que já forem feitas até agora são um grande passo, mas “pesquisas futuras devem ampliar esses estudos avaliar mais sistematicamente a relação entre os esforços dos indivíduos para reduzir suas pegadas de carbono e os resultados reais desses esforços em termos de redução de emissões” (FISCHER & NASRIN, 2020, p. 02). O fato é que o ativismo climático está ganhando importância ao se mostrar uma possibilidade viável de auxiliar na mitigação das mudanças climáticas (HESTRES & HOPKE, 2020).

O estudo realizado terá como base conceitos teóricos que validem o ativismo ambiental jovem através de ações diretas, que irão com o objetivo de reduzir a pegada ecológica do coletivo. Segundo Wackernagel and Rees (1996) em *Our Ecological Footprint*, as cidades são o pináculo da realização humana, e devem ser analisadas individualmente, com base em diferentes relações. “Em todo país, as cidades servem como centro social, cultural, de

comunicação e comércio da vida de uma nação”, mas o que as pessoas em sua maioria não percebem é que os recursos estão sendo esgotados em uma velocidade maior do que podem ser repostos. A pegada ecológica de um indivíduo e de toda uma economia vai variar dependendo da renda, preços, valores sociais individuais e predominantes, o comportamento de consumo e o nível de tecnologia (WACKERNAGEL; REES, 1996).

Os autores fazem uma analogia com a economia sendo um ser vivo e o seu metabolismo sendo a indústria:

Como um ruminante, a economia irá necessitar de recursos para absorver, e esse movimento irá gerar rejeitos. Então a questão é, quão grande deve ser o pasto para suportar essa economia - para produzir toda sua alimentação e absorver os seus rejeitos?” Alternativamente, quanto de terra seria necessário para suportar uma economia sustentável definida em seu atual padrão de vida material (WACKERNAGEL AND REES, 1996, p. 12).

Sobre este ponto Roser-Renouf argumenta que:

O ativismo climático é baseado na teoria cognitiva, que postula que o comportamento das pessoas é influenciado por suas expectativas sobre a probabilidade e conveniência dos resultados associado a ações - expectativas de resultado - e sua capacidade percebida de realizar essas ações - percepções de eficácia. *Risco-resultados*: esperados na ausência de mitigação das mudanças climáticas; *eficácia da resposta*: crença de que ações para reduzir uma ameaça será eficaz; *auto-eficácia*: crença de que alguém é capaz de realizar uma ação, e *eficácia coletiva*: acreditar naquele grupo é capaz de atuar junto para alcançar um objetivo comum (BANDURA, 2000; WITTE e ALLEN, 2000 apud ROSER-RENOUF 2014 p. 164).

FISCHER & NASRIN (2020) abordam um ativismo chamado de “ativismo de efeito direto na mudança climática”. Os autores consideram que existem limitadas formas de agir dentro dessa categoria de efeito direto, e apontam, por exemplo, que existem grupos e movimentos ambientais que encorajam seus membros a mudarem o seu estilo de vida para reduzirem a sua pegada ecológica. Esse esforço é focado na mudança de hábitos, como reduzir o uso de carros, voos, mudar os meios de consumo energético para combustíveis que não sejam de combustíveis fósseis e reduzir o consumo de laticínios e carne (FISHER & NASRIN, 2020, p. 02).

Existe uma forma em que o poder individual se organiza para alcançar um efeito direto e reduzir as suas emissões de carbono. Após a avaliação de ações pessoais para combater e reduzir as emissões de gases de efeito estufa, foi descoberto que havia quatro ações que são de alta consistência contra o alto impacto causado pelo mundo industrializado, ou rico. Foi definido que a “economia de pelo menos 0,8 toneladas equivalentes de dióxido de carbono

(tCO₂e) por pessoa por ano: comer uma dieta baseada em vegetais (0,8 toneladas economizadas por pessoa por ano), evitando viagens aéreas (1,6 toneladas economizadas por voo transatlântico de ida e volta), vivendo sem carro (2,4 toneladas economizadas por pessoa por ano) e tendo famílias menores” (WYNES, 2018).

Também é colocado outra forma de ativismo chamado “Ativismo com efeitos indiretos nas mudanças climáticas”. Essa abordagem, diferente do ativismo com efeitos diretos, é uma ação que visa pressionar outros atores visando a redução das emissões de gás carbônico. Legisladores, reguladores, formadores de opinião e negociantes são os alvos das formas de engajamento, para acelerar seus esforços ou mudar o comportamento para reduzir as emissões de gases de efeito estufa. “Essas formas de engajamento cívico envolvem fornecer a vontade política e trabalhista necessária para pressionar políticas e eco atores econômicos para decretar os tipos de políticas de redução de emissões” (FISHER & NASRIN, 2020).

Dentro do tópico sobre o ativismo com efeitos indiretos nas mudanças climáticas, os autores fazem algumas subdivisões, colocando o ativismo indireto possuidor de quatro subgêneros: ativismo por meio de litígios (1); ativismo dirigido a atores empresariais (2); ativismo trabalhando dentro do sistema político (3) e fora do sistema econômico e político (4).

O primeiro, segundo os autores, o “litígio é uma das táticas que os cidadãos, governos locais, ONGs e até mesmo corporações estão usando para pressionar o governo (FISHER & NASRIN, 2020). Essa tática também pode ser usada para pressionar empresários e governos para cumprir seus compromissos e agendas (UN ENVIRONMENT, 2017).

O segundo é o ativismo dirigido a atores empresariais:

Ao mesmo tempo, alguns grupos concentram sua atenção no direcionamento ao setor econômico e negócios específicos. Esses esforços empregam ativismo de acionistas e administração cooperativa do conselho, bem como protesto. Ativismo de acionistas concentra-se na resposta dos investidores às atividades e desempenhos corporativos. Envolve investidores que estão insatisfeitos com a gestão ou operação da empresa, aproveitando seu papel de acionistas para pressionar a empresa a mudar. Administração cooperativa do conselho, em contraste, envolve “empresas de propriedade conjunta e controladas democraticamente” que suportam energia renovável (VIARDOT 2013, p. 757)

Outro ponto é o ativismo trabalhando dentro e fora do sistema político. O ativismo também envolve com frequência grupos ou cidadãos que trabalham individualmente para apresentar certos atores governamentais dentro do sistema político. “Essas táticas envolvem fazer lobby com funcionários eleitos ou trabalhar para mudar a representação política por meio de eleições democráticas de candidatos” (CLEMENS, 1997).

O quarto ponto é o ativismo fora do sistema econômico e político “esses esforços incluem uma série de táticas de confronto, como boicote, greve, protesto e ação direta que visa políticos, formuladores de políticas e empresas” (FISHER & NASRIN, 2020).

Sobre este ponto, Rosseti & Santoro (2015) colocam a perspectiva de grupos que possuem o ativismo como estilo de vida. Junto com a filosofia, expandem seus ideais através das mais diversas manifestações artísticas culturais, até mesmo de contracultura. Um dos exemplos bastante expressivo sobre este tipo de movimentação são os *punks*:

Só haverá paz quando o homem respeitar o fluxo natural que coloca todos os seres e elementos naturais em igualdade. No manejo com a natureza que inclui os diversos cultivos vegetais e a criação de várias espécies animais para consumo humano, a ideologia *punk* defende o cultivo responsável, que preserva áreas vitais e sem a utilização de produtos químicos. O modelo sustentável adotado é rejeitado porque o homem não se coloca como parte da natureza, ele a controla e a preservação é uma fonte de lucro, modelos como o *FSC Forest Stewardship Council*, que certifica a origem da madeira empregada em sua cadeia produtiva, é uma forma de reserva de mercado que habilita as empresas à um mercado que supostamente exige uma ação responsável nos patamares: social, financeiro e ambiental (ROSSETI & SANTORO, 2015 p. 11).

Quais as razões que levam adultos a abandonarem o ativismo e em contrapartida levam jovens ao embate? Segundo o autor, sentimentos como medo e melancolia, fé que a tecnologia terá o potencial de resolver a questão, partir do pressuposto que seremos capazes a nos adaptar à nova situação climática, a desesperança em conseguir realizar a renovação de nossa realidade, descrença no sistema político atual. Também podemos apontar outras fontes como o negacionismo, alienação motivada por outros problemas: político, social, cultural, econômica, culturais e políticas; desinteresse ou descrença na ciência das mudanças climáticas.

De acordo com Norgaard (2011), muitas pessoas também podem ser sujeitas a negações organizadas, em que as informações sobre as mudanças climáticas são entendidas em abstrato, mas desconectado do cotidiano da vida política, social e privada. "A tipologia identifica três maneiras inter-relacionadas de discordar das políticas, dos sistemas e dos relacionamentos que contribuem para a mudança do clima: dissidência obediente, dissidência disruptiva e dissidência perigosa" (O'BRIEN, 2018).

Esses três tipos de dissidência não são análises que os jovens ativistas fazem das próprias ações e elas não são exclusivamente interligadas, por outro lado, elas mostram diferentes facetas do envolvimento do jovem ativista com o poder político e como contribuir para as mudanças desejadas no *status quo* (O'BRIEN, 2018). Estas três categorias são divididas pelo autor da seguinte maneira:

- Dissidência obediente

A dissidência obediente representa casos em que as preocupações dos jovens são expressas em espaços institucionais existentes ou recém-criados. A dissidência é muitas vezes expressa por meio de atividades de "união", em apoiar instituições existentes e emergentes e normas sociais para expressar resistência às práticas dominantes, como combustível fóssil produção e consumismo. Por meio da dissidência obediente, os jovens ativistas trabalham dentro dos sistemas para expressar seu descontentamento com os negócios usuais e para promover respostas alternativas às mudanças climáticas (O'BRIEN, 2018).

- Dissidência disruptiva

A dissidência disruptiva pode ser considerada um tipo de ativismo que surge quando, os jovens ativistas preocupados com a questão das mudanças climáticas, procuram modificar ou mudar políticas e estruturas econômicas existentes, que incluem normas, regras, regulamentos e instituições. Ações disruptivas desafiam explicitamente as relações de poder, bem como os atores e autoridades políticas que os mantêm, muitas vezes por meio de protestos diretos e organizações coletivas (O'BRIEN, 2018).

- Dissidência Perigosa

A dissidência perigosa envolve um tipo de ativismo político que tem o costume de desafiar negócios, iniciando, desenvolvendo e atualizando alternativas que inspiram e sustentam transformações de longo prazo. Isso inclui um amplo espectro de ações, ideias, discursos, práticas, táticas, alianças e tecnologias. Dissidência perigosa refere-se ao grau de ameaça que essas alternativas apresentam para elites de poder estabelecidas e investimentos no médio e longo prazo. (O'BRIEN, 2018).

Outra visão sobre ativismo jovem é descrita por Walgrave et al. (2012, p. 306) observando as atitudes e motivações de ativistas com identificação transnacional. O autor coloca os motivos como "instrumentais" e "expressivos". "As pessoas participam para mudar

as coisas no mundo (instrumental) ou para mudar permitindo que seus pontos de vista e raiva sejam ouvidos (expressivos):

Por vários motivos, nós esperamos que as pessoas que têm motivos expressivos exibam níveis mais elevados de identidade coletiva transnacional do que pessoas com motivos instrumentais. Em primeiro lugar, os motivos instrumentais exigem objetivos precisos, uma atribuição transparente de responsabilidade e um alvo claro. Isso é exatamente o que muitas vezes faltam em amplos eventos de ação coletiva transnacional. O destinatário do protesto transnacional é muitas vezes uma instituição grande e complexa que está situada em diferentes setores e países. Não é inteiramente claro quem é o responsável central pela questão que os manifestantes estão alvejando, nem sempre é claro qual é a solução para um determinado problema. (Walgrave et al. 2012, p. 306).

Ainda assim, em relação às atitudes dos manifestantes, esperamos que manifestantes ideologicamente radicais estejam mais dispostos a se identificar transnacionalmente e a se sentirem parte de uma luta internacional mais ampla. Ativistas menos radicais e ideologicamente comprometidos, por outro lado, são mais focados na luta local e tende a estar menos interessado no significado global de suas atividades domésticas.

Segundo um questionário realizado por Ozdem et al. (2014, p. 300) sobre as preocupações e interesses de jovens alunos, foi apontado que “os resultados revelaram que a poluição do ar (71%), do lixo (36%) e do buraco na camada de ozônio (36%) foram os três principais problemas considerados sérios. As questões consideradas menos importantes foram inundações (9%) e gestão insuficiente dos resíduos (7%).

Ainda nesta pesquisa, entrevistados jovens foram questionados sobre outros fatores como a poluição do ar, inundações e se eles sentem alguma mudança nos padrões climáticos, a fim de revelar suas preocupações ambientais gerais (OZDEM et al., 2014). Os resultados mostraram “que a poluição do ar (69%) afetou uma quantidade considerável de saúde dos pesquisados. Por outro lado, quase metade deles (43%) não relatou nenhum efeito a saúde de suas famílias e amigos. Além disso, cerca de metade (42%) estão cientes dos efeitos da poluição do ar além dos efeitos na saúde das pessoas (OZDEM et al., 2014).

A maioria dos jovens (89%) não relatou nenhuma experiência vivida de qualquer forma de danos de inundação. Por fim, foram questionados se achavam que o padrão do clima era geralmente mudando ou não. Metade dos jovens (50%) afirmou que sentiu a mudança padrão de clima (OZDEM et al., 2014).

Os entrevistados sentiram que a mudança climática foi importante principalmente por causa de seu provável impacto no clima / temperatura / estações (27%), impactos na saúde

(20%) e impactos no estilo de vida / vida (14%). Apenas um pequeno número de jovens (3%) mencionou inundações ou desastres naturais de qualquer tipo como uma razão pela qual as mudanças climáticas eram importantes para eles (OZDEM et al., 2014).

Seguindo as ações diretas preconizadas por Fisher & Nasrin (2020) segundo Lee et al. (2020) a idade parecia estar relacionada à vontade declarada dos participantes de agir. Em alguns estudos, as crianças mais novas eram mais dispostas a agir do que crianças mais velhas. Por exemplo, em um estudo grego, menos participantes no 10º ano (48%) estavam dispostos a "empreender mais educação ambiental" do que aqueles no ano 7 (62%), apesar de endossá-la como uma ação útil (MALANDRAKIS et al., 2011). Em um estudo de Omã com participantes de 11 a 18 anos, menos participantes mais velhos (49%) estavam dispostos a reduzir o consumo de carne do que os participantes mais jovens (62%) (AMBUSAIDI et al., 2012). Os participantes mais velhos estavam menos dispostos a usar transporte ecologicamente correto do que os participantes mais jovens, apesar de um crescente reconhecimento do benefício para o clima. Em um estudo indiano, 47% dos jovens de 16 anos estavam dispostos a usar ônibus ou trens em vez de carros, em comparação com 67% dos jovens de 11 anos (CHOKAR et al., 2011).

Em um estudo australiano, 8% dos participantes em seu primeiro ano de escola secundária estavam dispostos a usar transporte público em vez de viajar de carro, em comparação com 26% dos participantes em seus últimos anos da escola primária, apesar de números semelhantes em ambos os grupos acreditarem que o uso de transporte público reduziria aquecimento global (SKAMP et al., 2009). No estudo de Omã, menos alunos mais velhos do que mais jovens estavam dispostos a dirigir carros menores, carros mais ecológicos (44% vs. 56%), ou usam transporte público (29% vs. 37%) (AMBUSAIDI et al., 2012).

Na linha destas pesquisas levantadas para o trabalho, parece notória a importância de jovens ativistas pelo clima, no sentido de serem atores influenciadores de tomadores de decisão política. Importante notar, em adição, as diferentes formas de atuação destes jovens ao longo dos anos e das localidades em que vivem. Além disso, muitos estudos apontam a idade como fator explicativo de maior ou menor atuação política em torno de movimentos climáticos. E é a partir desta discussão que este trabalho se insere no debate climático, jovem e ativista.

3. METODOLOGIA

O capítulo discorrerá sobre como foram procedidas a coleta, análise e tratamento dos dados levantados em campo. A metodologia, especialmente as técnicas de coleta de dados de campo, foi baseada na composição teórica observada no capítulo anterior desse trabalho.

3.1 – Caracterização do questionário

Os dados da pesquisa foram obtidos via entrevistas remotas, através da plataforma Microsoft Teams, por meio de entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro de entrevista, o qual possui quatro blocos, sendo eles: construção do perfil socioeconômico do indivíduo; entendimento do viés ideológico e político; conhecimento sobre mudanças climáticas e acordos internacionais; motivações e atuação nos movimentos climáticos (ANEXO 1).

Em um primeiro momento foi tentado contato direto com os entrevistados, através de e-mails e em mensagens em redes sociais, como Twitter e Instagram. Porém, perante a falta de retorno e a ineficácia dessa intervenção, buscamos o contato telefônico, via WhatsApp, de cada um dos ativistas jovens. A técnica para chegar nos objetos da pesquisa, os entrevistados, foi a técnica de pesquisa *SnowBall* (Bola de neve): inicialmente, o pesquisador especifica as características que os membros da amostra deverão ter, depois identifica uma pessoa ou um grupo de pessoas congruentes aos dados necessários, na sequência, apresenta a proposta do estudo e, após obter/registrar tais dados, solicita que o(s) participante(s) da pesquisa indique(m) outra(s) pessoa(s) pertencente(s) à mesma população-alvo (COSTA, 2018, p. 19). O resultado foi bastante superior no que diz respeito a eficiência. Em poucos dias tínhamos agendado as entrevistas necessárias para o trabalho.

As entrevistas foram realizadas entre o período de seis a quatorze de outubro de 2021, tendo sido entrevistados seis ativistas jovens, que foram escolhidos por indicações – bola de neve –, por serem atuantes e relevantes no ativismo ambiental. A maioria também pertence ao movimento *Fridays for Future Brasil*. Por questão de anonimato previamente acordados, todos serão caracterizados nessa pesquisa pelas letras do alfabeto, A ao F.

A idade dos entrevistados variou entre 15 e 19 anos, residentes em estados do Centro-Oeste, Sudeste, Sul e Distrito Federal, sendo eles Brasília, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Os tempos das entrevistas foram entre uma e uma hora e meia, com uma única entrevista sendo abreviada por compromissos do entrevistado, que a finalizou por escrito dias depois. Todas foram gravadas e transcritas, tendo a aprovação dos entrevistados concedidas antes da entrevista, com o total de 87 páginas e exatamente 46.500 palavras.

As transcrições foram feitas de forma literal, mantendo a linguagem coloquial e/ou erros de concordância que eventualmente tenham sido proferidas, pois o importante dessas outivas eram o conteúdo, pois segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.15) a pesquisa quantitativa quanto a natureza aplicada tem como “objetivo gerar conhecimento para aplicação prática, dirigidos a solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. A seguir, no quadro 1, são apresentadas as características gerais dos entrevistados.

Quadro 1: Característica geral dos entrevistados

Identificação	Idade	Gênero	Raça	Cidade / Atua Politicamente	Nível Médio	Nível Superior
<u>Ativista A</u>	18	Ela/dela	Indígena	Gravataí/RS	Instituição particular/ Bolsa integral	Instituição particular/ Bolsa integral
<u>Ativista B</u>	19	Ela/dela	Branca	São Paulo/SP	Instituição particular/ sem bolsa	Instituição particular/ sem bolsa
<u>Ativista C</u>	15	Ela/dela	Preta	Brasília/DF	Instituição particular/ sem bolsa	----- -
<u>Ativista D</u>	19	Ele/dele	Preto	Anápolis/GO	Instituição pública	Instituição particular/ Bolsa integral
<u>Ativista E</u>	17	Ela/dela	Branca	Volta Redonda/RJ	Instituição particular/ sem Bolsa	-----
<u>Ativista F</u>	17	Ela/dela	Branca	Volta Redonda/RJ	Instituição particular/ Bolsa integral	----- --

Fonte: Autoral (2021)

3.2 – Técnicas de Análise

A metodologia foi fomentada em um questionário semiestruturado, usado como base para a coleta de dados em campo, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto as pessoas. A análise foi feita a partir do conteúdo extraído das entrevistas feitas, seguindo as estruturas do capítulo a seguir, o qual seguiram os tópicos: Construção do perfil socioeconômico do indivíduo; entendimento do viés ideológico e político; Conhecimento sobre mudanças climáticas e acordos internacionais; Motivações e atuações nos movimentos climáticos. Essas análises produziram resultados que irão alcançar os objetivos gerais e específicos propostos pelo trabalho, fazendo uma análise sobre o perfil socioeconômico e político dos ativistas jovens que militam em prol de causas climáticas no Brasil.

A pesquisa tem caráter qualitativo, devido ao baixo número na amostra, mas ela é representativa pois houve uma saturação teórica onde “quando a interação entre campo de pesquisa e o investigador não mais fornece elementos para balizar ou aprofundar a teorização” (BJB FONTANELLA et al, 2011, p. 389). A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social (GENARD E SILVEIRA 2009, p.31) O que é analisado é o perfil do indivíduo e suas particularidades. Segundo Gerhardt e Silveira (2009) A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, concentrando-se na compreensão e explicação das dinâmicas das relações sociais, tornando a análise baseada nos tópicos supracitados suficiente para a formação do perfil socioeconômico e político dos ativistas jovens que militam e prol de causas climáticas no Brasil. Além da pesquisa ser qualitativa, ela será direta e não-dirigida, pois segundo Jaccou e Mayer (2008) “Trata-se de uma técnica direta, já que há um contato com informantes. Trata-se, também, de uma observação não-dirigida, na medida em que a observação da realidade continua sendo o objetivo final”.

4. Dos Dados de Campo

Os dados analisados estão divididos em quatro blocos: o perfil socioeconômico do indivíduo; entendimento do viés ideológico e político; conhecimento sobre mudanças climáticas e acordos internacionais; motivações e atuação nos movimentos climáticos. Esta estrutura segue igualmente a estrutura construída no questionário semiestruturado.

4.1 - O Perfil Socioeconômico

A pesquisa nos levou a entrevistados que tinham média de 17,5 anos, com o mais velho tendo 19 anos e o mais novo 15 anos. A moda foi de 17 anos e a mediana 17,5 anos. 50% da amostra é de maiores de idade, e a outra metade são de menores de idade.

O gênero se mostrou majoritariamente feminino, sendo reconhecidas pelos pronomes dela/ela. Somente um entrevistado se reconheceu no gênero masculino. Não houve na pesquisa nenhum indivíduo se identificando como transgênero ou não-binário.

No ponto raça, existiram ativistas que se identificaram como preto, como indígena e como branco, tendo majoritariamente brancos. 50% da amostra é de brancos, 33% de pretos e 17% indígenas.

Sobre a região onde atuam, 66% são do Sul/Sudeste, sendo que dois ativistas são do Rio de Janeiro, Volta Redonda, um de São Paulo, capital, e outro de Gravataí, Rio Grande do Sul. Os outros 34% da pesquisa são do centro oeste, sendo de Anápolis, Goiás e outro indivíduo de Brasília, Distrito Federal.

Em relação ao grau de escolaridade, somente um entrevistado estudou em escola pública. Houve um relato de um ativista que passou por um bimestre em uma escola do estado, o qual foi dito que “esse tempo que eu passei na escola pública abriu muito a minha mente” (Entrevistado B) Apesar desse baixo índice, 40% dos jovens que estudaram em escolas particulares possuíam algum tipo de bolsa. Há ativista que possuiu 100% de bolsa via uma fundação filantrópica “Eu estudei o ensino fundamental e médio em escola privada, com bolsa integral, ..., que é uma fundação filantrópica, feita pra crianças carentes que não tem condição de pagar uma escola privada” (Entrevistado A); enquanto outros tiveram a educação financiada pelo trabalho dos pais “a minha vida inteira, eu estudei em diferentes colégios, e sempre foram particulares porque o trabalho da minha mãe sempre reembolsou” (Entrevistado F). Metade dos ativistas ainda não ingressaram no ensino superior, então com a amostra reduzida na metade para esse item, temos todos tendo ingressado em faculdades particulares. 2 possuem bolsa integral, e uma pessoa paga integralmente a mensalidade da instituição que frequenta.

Todos possuem o português como a língua materna, mas todos são igualmente capacitados no inglês. Metade dos entrevistados também fala espanhol. Um dos indivíduos é poliglota, pois além de falar os já citados português, inglês e espanhol, também a língua de seu povo, o Guarani. Um dos entrevistados mostrou interesse em se aprofundar mais no

conhecimento de outras línguas “eu me interesse por outras línguas, inclusive eu estou tentando encontrar escolas de francês e de espanhol também para ampliar meu conhecimento” (Entrevistado B).

No quesito viagens, metade da amostra já havia viajado para fora do Brasil nas datas das entrevistas, mas somente um deles havia ido para o exterior com objetivos no ativismo ambiental. Outro ativista morou no exterior, pois o seu pai foi se capacitar na Europa. O tempo livre é usado majoritariamente com atividades de desenvolvimento intelectual ou corporal; leitura foi dito em 66% das respostas. 50% citaram atividades físicas, como vôlei, dança e natação.

Tabela 2: Perfil Socioeconômico

Identificação	Idiomas	Viagem ao exterior	Hobbies
Ativista A	Inglês e espanhol Fluente; Guarani não Fluente	Montevideo a passeio	Dança
Ativista B	Inglês	-----	Gosta de fazer atividades individuais como: ler, desenhar, tocar violão para si
Ativista C	Inglês	-----	Natação e dança
Ativista D	Nível médio em inglês e espanhol básico	Portugal, França e Estados Unidos	Estudar, ler, ver series e sair
Ativista E	inglês e espanhol	-----	Ler e escrever
Ativista F	inglês	Alemanha e Portugal	Jogar Vôlei

Fonte: Autoral (2021)

4.2 Entendimento do viés ideológico e político

Esse bloco ideológico pode ser caracterizado pela origem do ativismo dos indivíduos, pois foi observado duas vertentes: um do ativista que está mais preocupado com o viés social, que chega ao ativismo jovem ambiental através de pautas sociais, e encontrou no movimento

uma forma de concatenar as duas causas. Esses pontos podem ser observados em fragmentos das transcrições:

Justiça climática não existe sem justiça social, e a gente já tem muita desigualdade, e essas pessoas que sofrem com essa desigualdade, são as mais afetadas pela crise climática. Então a gente tem que mostrar isso para nossa sociedade, a gente tem que mostrar isso para nossa população, e fazer com que essa informação chegue a elas, que elas saibam o quanto elas tão sendo afetadas (Entrevistado A)

Houve também outro ativista que afirmou:

(...) Quando eu tinha onze anos, um professor de história me chamou para conversar e falou “olha, eu não sei o que está acontecendo, mas o que você escreve de trabalho, não é uma coisa que uma pessoa normal de onze anos escreve”. Porque eu sempre critiquei a educação brasileira, porque é que eu tinha, e outros não. E desde então ele começou a me cobrar, eu lia artigos, comecei muito nova, aí eu falei “eu quero ser professora”. Eu quero ajudar pessoas a entenderem o que elas são (Entrevistado E)

A outra vertente vem de ativistas que tiveram preocupações estritamente ambientais, da busca por um maior entendimento sobre as causas e efeitos do uso econômico do meio ambiente, e que teve na figura da Greta Thunberg um elemento catalizador e, no movimento *Fridays for future*, um espaço com pessoas que compartilham da mesma ideia. Esses elementos podem ser observados em fragmentos das transcrições como:

(...) o ativismo foi um elemento que sempre foi presente na minha vida então assim desde quatorze ... eu acho eu estava... com doze anos mais ou menos, então desde 2014 eu comecei a criar consciência do que acontecia a minha volta, e eu acho que quando a Greta iniciou o movimento, eu me identifiquei muito com ela porque ela é uma criança muito indignada, e eu sou uma criança muito indignada. Foi algo que chegou no meu coração, que me tocou muito e eu pensei "mano, eu não sou só uma criança indignada, são várias crianças indignadas ao redor do mundo (Entrevistado B)

As entrevistas mostram uma diferença entre ativistas que falam sobre ambientalismo e sobre socioambientalismo. Segundo Ewert et al. (2013) a diferença primordial entre os dois conceitos está ligada ao manejo do meio ambiente: “Os ambientalistas enfatizam a proteção da natureza mediante o estabelecimento de áreas protegidas – livres da interferência humana – administradas pelo governo com apoio de organizações nacionais e (ou) internacionais”. Ainda segundo Ewert et al. (2013) enquanto os socioambientalistas, baseando-se no argumento que as populações humanas sempre têm influenciado a natureza, sustentam que os sistemas naturais devem ser gerenciados por meio da concessão do direito à terra e aos recursos para as populações locais .

Nas entrevistas ficou perceptível que os ativistas que fizeram observações correlacionando problemas ambientais com problemas sociais, como a justiça ambiental, se apresentaram como ativistas socioambientais. Segundo Weber e Cenci (2021) “enquanto a globalização é um processo que afeta todos independente da classe social, a justiça ambiental em contrapartida atinge as classes mais desfavorecidas. Outrossim, nota-se a ausência de justiça ambiental sob os moldes da sociedade capitalista globalizada motivada pelo consumo exacerbado e alto nível de descarte de resíduos”. Esse conceito também é corroborado por Carvalho:

ações humanas que provocam o desequilíbrio ecológico, provocam inúmeras situações que configuram uma negação da dignidade a certos setores e grupos sociais, em especial os grupos em situação de pobreza e vulnerabilidade social. Portanto, a relação entre um ambiente ecologicamente equilibrado e a dignidade humana é evidente, isto é, a existência de um meio ambiente sadio e equilibrado é condição de possibilidade de uma vida digna. (CARVALHO, 2006)

Esse entendimento sobre socio ambientalismo pode ser observado na fala do ativista D:

então, a estrutural, o que a gente hoje... O capitalismo hoje em dia ele se baseia na exploração e para ter uma exploração tem que ter uma base, né? E a base é o meio ambiente e as pessoas com poder de aquisição menor, né? O capitalismo se baseia... O capitalismo se sustenta né, através de pessoas pobres ou pessoas que estão na base das classes, né? ... e um montão de coisa... e também do meio ambiente, né? Então quando houver isso, não haverá justiça, né?

Outra forte evidência do viés socio ambientalista pode ser observado na fala do entrevistado A:

“eu li diversos sociólogos, filósofos e historiadores até chegar a minha posição, e hoje eu me identifico como Eco socialista, esquerda com certeza, bem longe da direita, quanto mais longe ... estou brincando, quanto mais longe possível. Mas eu vejo que, é porque quando eu comecei a entrar nesse mundo de meio ambiente, sobre a pauta climática, veio uma enxurrada de coisas sobre política, né, e antes na minha casa era assim: Política e religião não se discute. E quando eu comecei a aprender sobre o meio ambiente, eu falei “mas tem tudo a ver com política”, e tem a ver com o colonialismo. Eu compartilho muitas coisas sobre decolonização, porque a gente não vai conseguir parar a crise climática, se a gente não começar a descolonizar a mente das pessoas”

Em contrapartida, podemos observar falas de entrevistados que mostraram um viés ambiental, como do entrevistado F:

“então eu acho que o Brasil já esteve melhor, mas nunca chegou a nível ideal, como a gente viu... Eu me identifico com a esquerda, mas o PT não teve

políticas ambientais... elas não foram boas. Foram muito melhores que as atuais? Sim, mas não foram boas. A gente vê a usina de Belo Monte, foi no governo do Lula e da Dilma, então o Brasil nunca esteve em um nível ideal com políticas ambientais, mas a gente está indo completamente no caminho contrário do que estava sendo construído. A gente estava conseguindo ter um espaço melhor nas COPs, e agora a gente não sabe realmente o que esperar”.

É interessante observar, que o mesmo entrevistado, em uma fala posterior, coloca de uma forma distinta os movimentos ambientais e movimentos sociais, mas que possuem objetivos que convergem para um mesmo norte “...porque o que a gente está lutando no movimento ambiental e nos movimentos sociais é pela diminuição dessa disparidade, e só a esquerda tem tentado lutar por isso”.

Enquanto os ativistas entrevistados de classes mais privilegiadas se mostraram ambientalistas puros e os que vieram de classes mais desprivilegiadas apresentaram um viés socioambiental, todos eles possuem um entendimento parecido sobre as lutas sociais e ambientais, o que fica bastante evidente é a origem e o caminho que eles percorreram para chegar nesse entendimento. Quando é observada a teoria pressuposta na base desse trabalho sobre a redução da pegada ecológica como objetivo central dos ativistas, fica claro que independente da origem do ativismo e do viés que todos os entrevistados apresentaram, todas as ações e dinâmicas propostas e realizadas pelos mesmos estão “criando estratégias para interação entre o indivíduo e o contexto em que estão inseridos, mudando o consumo e a relação com o ambiente.” Fisher & Nasrin (2020, p. 02).

Na parte política, toda amostra se apresentou como esquerda, por motivos variados, mas a análise mostra um padrão que pode ser dividido em dois. O primeiro é pelo entendimento maior que a direita não consegue trabalhar em prol das causas ambientais “mais esquerda com certeza, porque assim, sendo ativista hoje em dia não dá pra se identificar como direita, porque são cabeças, são pensamento, são ideologias completamente diferentes”. Outro fragmento é “eu me identifico com mais da esquerda, justamente por causa da exploração, porque eu entendo que o sistema em que nós vivemos ele é predatório, a pauta dele a pauta central é a exploração” (Entrevistado E).

Outro ponto é pelo entendimento que foi analisado é que a esquerda no Brasil é quem se preocupa com as causas sociais e ambientais, e há citações sobre causas e efeitos apontando um passado colonial:

Então eu vejo os pensamentos colonialistas, como eles desencadeiam diversas crises, não só a crise climática, mas desigualdade social, porque para mim, tudo que o capitalismo prega é conto de fadas, não tem como aplicar isso na realidade brasileira, em que a desigualdade é imensa. Essa ideia de

meritocracia é o maior conto de fadas também, porque não tem como chegar para uma pessoa que estudou a vida inteira em escola pública e que teve, que a partir dos dezesseis anos, ou menos ainda, ter que trabalhar para ajudar dentro de casa, e que tem uma realidade totalmente diferente, não tem como falar para essa pessoa que é só ela trabalhar muito, muito, muito, duro, que ela vai conseguir chegar lá (Entrevistado A)

Voltando ao referencial teórico deste trabalho, foram apresentadas formas de intervenções políticas propostas por O'Brien (Dissidências obediente; disruptiva e perigosa), e podemos fazer essas relações com os atos políticos dos ativistas. Como todos se denominam do espectro político de esquerda, e entendem que esse é o caminho para diminuir a produção e o consumo, essas correlações se encaixam no fato de que essas são” maneiras inter-relacionadas de discordar das políticas, dos sistemas e dos relacionamentos que contribuem para a mudança do clima. Seguindo os relatos obtidos nas entrevistas, foi feita uma relação entre os atos praticados e a teoria proposta por O'brien.

Quadro 3: Ações e tipos de dissidência

Ações	Tipo de dissidência
Leilão fóssil nacional	Perigosa
SOS Amazonia	Obediente
Agenda de reparação do ecossistema	Obediente
Greves Globais	Disruptiva
Projeto Acordo de Paris	Disruptiva
Escolas pelo Futuro	Obediente
Twittasos	Disruptiva

Fonte: Autoral (2021)

No quadro acima foram apresentados alguns dos projetos propostos/realizados pelos ativistas: É observado que ações como SOS Amazonia, Agenda da reparação do meio ambiente e o Escolas pelo futuro são dissidências obedientes, pois são ações que acontecem em parceria

com instituições existentes ou emergentes. No SOS Amazonia, por exemplo, foi o próprio governo que entrou em contato com os ativistas:

Então, o SOS Amazonia foi, não sei se vocês viram também, foi um vídeo do prefeito de Manaus, quase chorando ne, pedindo ajuda pra Greta, um montão de coisa, E a gente como FFF, e a Greta faz parte do FFF, se sensibilizamos por isso, entramos em contato com a assessoria deles, vimos as demandas que eles precisavam. Daí a gente fez um vídeo, pedindo ajuda, pra vários países né, principalmente França e Europa, que já tinha passado aquela primeira onda da pandemia da Covid-19, e realmente ajudou ne, a Amazonia saiu de um déficit de 4 milhões, pra um superavit de 7 milhões. (entrevistado D)

Ações como as greves globais, por exemplo, são enquadradas na dissidência disruptiva, pois “procuram modificar ou mudar políticas e estruturas econômicas existentes, que incluem normas, regras, regulamentos e instituições” (O’BRIEN, 2018). Podemos observar isso na fala do entrevistado D:

Nessa Greve Global, por exemplo, a gente teve, a gente trouxe uma greve Inter... ah! não sei falar essa palavra... Que é muito difícil... Interseccionalidade.! E que a gente trouxe com a hashtag “descolonize o sistema” a gente trouxe pautas, por exemplo, sobre o colonialismo, né, porque grande parte das dos problemas sociais e ambientais que vem hoje em dia... tem no Brasil... Derivam do colonialismo. Por exemplo, o racismo, a inferioridade, inferiorizar os povos indígenas ou marginalizar os povos indígenas. Também questão ambiental, né? A gente também trouxe muito o contexto de exploração excessiva, né, na parte do colonialismo... alguns problemas ambientais também que derivam do colonialismo como monocultura, Monocultura é presente no Brasil desde o colonialismo e foi herdado pelo colonialismo, né? Então a gente trouxe essas duas pautas, né? Sempre conectando, falando sempre... falando que tudo é o mesmo... Não tudo é o mesmo problema, mas está tudo conectado, sabe?

O leilão fóssil nacional é um exemplo de dissidência perigosa, segundo a entrevistada F “assim como a gente tem o zero carbono... que é o futuro zero carbono, que é um projeto parceria com a ARAIARA, que é sobre o leilão fóssil, combustíveis fósseis, e ele faz de tudo. Então a gente vai na manifestação em janeiro, a gente faz carta, a gente faz projeto internacional, a gente faz greve, assim, a gente trabalha pra min, dentro dessas fontes amplas.” Essa fala corrobora com O’Brien, (2018) “desafiar negócios, iniciando, desenvolvendo e atualizando alternativas que inspiram e sustentam transformações de longo prazo. Isso inclui um amplo espectro de ações, ideias, discursos, práticas, táticas, alianças e tecnologias”.

4.3 - Conhecimento sobre mudanças climáticas e acordos internacionais

A análise apresentou que toda a amostra acredita que as mudanças climáticas são uma consequência da ação humana:

Os relatórios científicos estão muito claros, tem o IPCC, é muito claro, sim (...). Se a gente for ver os gráficos, essas mudanças, as pessoas falam “ah a gente já teve era do gelo, muitas mudanças”, mas nunca foi tão drástica em um período tão curto de tempo, então está muito claro que foi o ser humano. (Entrevistado F)

Entretanto o conhecimento acerca dos acordos internacionais, apesar de todos conhecerem a base dos principais, não é homogêneo, apresentando alguns pontos de discordâncias no discurso:

O Acordo de Paris né, um acordo internacional, que se eu não me engano é esse ano né, que aconteceu uma revisão desse acordo, que é onde os países se comprometem né, com a redução (...) a mitigância da mudança climática, até zerar (...) zerar não (...) estou confundindo os acordos (...) mas que se comprometem né, com a diminuição da mudança climática, e tem uma data limite pra essa redução, que de acordo com os cientistas, a gente tem até 2030 pra gente começar a reduzir as nossas coisas, porque a partir de 2030, a gente não sabe o que que pode acontecer, pode chegar um momento que não tem como a gente ter mais volta. (Entrevistado D)

Uma outra visão pode ser vista no trecho:

O Acordo de Paris, pra mim assim (...) ele foi importante mesmo, no sentido porque teve um reconhecimento por parte dos países na questão climática, e isso já é muito, só que não é o suficiente (...) antes eu tinha mais conhecimento sobre Acordo de Paris, mas hoje em dia a gente consegue ver que não teve resultado nenhum, praticamente resultado nenhum aquele velho capitalismo verde né assim, não foi só algo, promessas vazias, promessas vazias, que é o que os líderes do mundo mais gostam de fazer digamos assim. (Entrevistado E)

Fica evidente que o aquecimento global é um conceito fixado em todos os entrevistados, mas é perceptível que o nível de instrução e conhecimento, desse e de outros conceitos, não é alinhado ou coeso. Podemos observar o discurso do entrevistado D, que diz:

Por exemplo, se você perguntar hoje pra metade da população, o que é mudança climática, eles vão falar que é o aquecimento global, sendo que não é mais só o aquecimento global sabe, então é importante a gente indicar, mostrar o que é realmente, tipo, a por exemplo, a JBS é responsável por 70% do desmatamento no Brasil. Ah, mas você sabe o que é desmatamento, e o que isso pode causar? Qual impacto isso pode trazer pra sua conta de casa?

Outro ponto no discurso do entrevistado D que apresenta uma opinião sobre o tema “Eu acredito também que as pessoas tenham uma visão errada sobre mudança climática, porque

tudo que é climático, é uma mudança climática. Não é só um superaquecimento da terra que é uma mudança climática, que o aquecimento global. Por isso que o termo aquecimento global é bastante defasado, antigo na verdade.”

Não sendo discordante da ideia apresentada pelo entrevistado D, temos o entrevistado C apresentando ideias sobre o mesmo ponto – o aquecimento global – mas de uma forma diferente:

Bom, a gente tem o efeito estufa. Efeito estufa é uma causa natural que serve para regular o clima do planeta Terra, pra deixar quentinho, enfim um clima agradável um clima propício para sobrevivência para a sustentação da vida na Terra e o efeito estufa ela causa sim o aquecimento da terra, só que é um aquecimento propício, é um aquecimento bom e ele também proporcionando o refletimento dos raios solares para não deixar um forno a terra isso é natural, Agora a crise climática não é natural que é o agravamento do efeito estufa, que vai deixando a temperatura da terra cada vez mais quente, cada vez mais quente, porém a crise climática não é só o agravamento do calor , é o agravamento de todos os fatores climáticos.

É interessante notar que o entrevistado D, em seu discurso, tem uma premissa de que “mudança climática, eles vão falar que é o aquecimento global, sendo que não é mais só o aquecimento global”, enquanto o entrevistado C baseia a sua linha de raciocínio sobre mudanças climáticas em cima do efeito estufa e aquecimento global. Esse fato apresentado demonstra que o nível de conhecimento não é linear e coeso, e que existem lacunas e diferenças nos níveis de conhecimento dos ativistas. Um dos fatores que pode responder essa defasagem é o fato de que vários estão no ensino escolar enquanto outros estão na universidade, além do que, existe a diferença no ensino das instituições públicas e privadas. Os movimentos jovens deveriam se preocupar com esse ponto, pois é fundamental que as causas e pautas levantadas sejam de conhecimento pleno para que a luta seja válida. Um trecho da entrevista do ativista E apresenta um apelo que condiz com essa análise “muitos peões pararam assim pra perguntar o que a gente estava fazendo, e eu senti ali, que tinham colegas que estavam comigo assim, e falavam da Greta e não sei o que la o que, e eu pensei assim “mano, você não tem que falar da Greta aqui, você tem que falar que a CSN, desde que ela foi privatizada, ela ta cagando pra cidade, ela ta cagando para os trabalhadores. A CSN trocou o plano de saúde sem avisar ninguém, um monte de gente perdeu benefício. Que o salário deles é pouco, é só mil e duzentos reais, porque o Benjamin ta pegando tudo pra ele sabe, então eu acho que é assim que a gente tem que trabalhar”.

4.4- Motivações e atuação nos movimentos climáticos

A análise observou que dentro do grupo existem ações com vários repertórios, todas propositivas, que visam barrar, arrecadar ou colaborar com alguma demanda. Dentro desse cenário é possível observar que existem demandas locais, coordenadas em âmbito nacional com ação direta, com por exemplo, campanhas de arrecadação via *crowdfunding*. Uma experiência positiva do uso da internet são as campanhas de arrecadação. O projeto mais bem avaliado pelos ativistas nas entrevistas foi o SOS Amazonia. Sendo caracterizado pela teoria de O'brien como uma dissidência obediente, esse projeto foi desenvolvido puramente pela internet, com a obtenção de informações e distribuição de verba perante as necessidades apresentadas

entramos em contato com a assessoria deles, vimos as demandas que eles precisavam. Daí a gente fez um vídeo, pedindo ajuda, pra vários países né, principalmente França e Europa, que já tinha passado aquela primeira onda da pandemia da Covid-19, e realmente ajudou ne, a Amazonia saiu de um déficit de 4 milhões, pra um superavit de 7 milhões, porque obvio não foi só a gente que fez isso né, foi uma bela gestão do pessoal de lá, mas a gente também influenciou bastante nisso. (entrevistado D).

Ainda com o mesmo entrevistado, segue o relato mais detalhado sobre o que foi feito no SOS Amazonia

A gente fez duas coisas, né? O combate à fome e geração de emprego pra fazer as máscaras. Daí a gente também instalou três pontos de telemedicina com pontos onde tinha internet, a gente colocou painéis solares pra fazer algo mais sustentável e algo mais que... não que não exigisse uma demanda, não tivesse a demanda de cabeção e essas coisas... então a gente fez esse telemedicina onde você entra em contato com o DCI. O DCI é o Distrito sanitário indígena, que é o responsável pela saúde. Tudo relacionado às comunidades indígenas passa pelo DCI.. O DCI... então a gente fez isso e depois a gente comprou uma ambulância e uma canoa, na verdade duas canoas. A ambulância, é uma ambulância em formato de barco, né? Que serve para o transporte das pessoas enfermas das comunidades indígenas para a cidade ou para o DCI e as canoas pra uso de forma geral, pra descer o rio, subir o rio, levar pessoa, levar mercadoria, um montão de coisa. (entrevistado D)

Em âmbito local e regional, a análise apresenta dados que mostram que há ações que são de menores coordenações ou até individuais, apresentando uma relação grande das respostas desse bloco com o sobre o entendimento do viés ideológico e político, pois os mesmos atores que mostraram uma orientação ideológico e político voltado para a conurbação entre os aspectos sociais e ambientais, mostraram motivações voltadas para os mesmos.

Uma das ações mencionadas pelos entrevistados foi a Escolas pelo Futuro, onde os ativistas se deslocam para as escolas, para, segundo eles, de uma forma bem jovem, transmitir

para os alunos informações sobre mudanças climáticas. É possível observar uma ação propositiva, pois para conseguir acesso a essas instituições de ensino não foram fáceis.

A gente saiu mandando carta, e-mail, ligando pra todas as coordenações e direções e eu ligando pros meus professores em cidade pequena, então os professores dão aulas em vários colégios né, então eu ligava pra um professor “posso levar pra outro colégio?”. Então é realmente contactando tanto professores, quanto coordenadores, quanto diretores pedindo uma aula, pedindo 50 minutos, e a gente tem uma apresentação de slides, que todo mundo consegue apresentar ela. Ela começa passando pela ciência, “o que é mudança climática? Emergência? Rios voadores, acidificação dos oceanos, perda da biodiversidade, essas coisas, e depois ela faz uma mudança pra movimentos sociais, pra mobilização e como ta tudo interligado. Como os povos indígenas estão interligados; ribeirinhos; comunidades tradicionais, como meninas, população preta, todo mundo que foi historicamente marginalizado está sendo mais afetado agora, por isso, isso e aquilo outro, porque construção de capital e essas coisas tudo mais. (Entrevistado F)

A mobilização pela internet, via redes sociais e aplicativos de vídeos, foi a forma mais importante de comunicação apresentada, no sentido de ser abrangente. Dois fatores podem explicar esse fenômeno, que são a pandemia que começou em 2020, fazendo que o contato presencial entre as pessoas fosse extinto por pelo menos 1 anos; e o fato de que as pessoas da geração Z e Alpha são indivíduos que possuem uma aptidão maior para se comunicar através de internet e redes sociais, devido ao fato de nascerem em um mundo imerso nessas práticas.

O fator pandemia da covid-19 não é algo a se desprezar nesse cenário, pois como as pessoas foram obrigadas a ficar em casa, a comunicação via internet não foi uma escolha, mas uma necessidade de sobrevivência do movimento.

E começamos a nos reunir no zoom, e a trocar ideias, e ver como que a gente poderia se adaptar a esse modelo online, e continuar fazendo o nosso ativismo. Foi aí que começou as greves digitais, fazer cartas na internet, foi ai também que eu comecei a me posicionar na internet também, porque até ai eu não compartilhava nada no me Instagram, no meu Twitter e, a gente começou a fazer muita coisa, a gente fez carta pra presidente, carta pra governador, carta pro Joe Baden, começou a gravar podcast e a falar sobre isso, começou a tentar levar esse assunto pra todas as plataformas digitais. (Entrevistada A)

Voltando ao Escolas pelo Futuro, a comunicação pela internet, apesar de essencial, se mostrou ineficaz em algum nível, pois a régua social tolheu de algumas pessoas a possibilidade de ter essa experiência

a gente precisa usar a internet de todas as formas, então eu acho que é uma forma de chegar a outros lugares mas, atentos também, porque não são todos os lugares que tem internet, se a gente está falando de um brasil tão desigual, o escolas pelo futuro a gente conseguiu principalmente online né, a gente não

conseguiu ainda chegar em todos os colégios públicos, nem metade deles, porque só são alguns que tem alunos com esse acesso. (Entrevistado F)

Aldeias pelo Clima foi um projeto bastante citado entre os entrevistados, e se coloca como uma demanda local, mas diferente do Escolas pelo Futuro, ele extrapola o âmbito socioambiental mais comum e se aprofunda em temas mais complexos como a justiça social e o colonialismo. “o Aldeias pelo Clima, é um projeto que arrecada, faz campanhas de arrecadação pra comunidades indígenas, fala sobre visibilidade indígena na internet” (entrevistado A). Outro ponto de fala que pode ser destacado para elucidar o tema “porque a gente trata muito assim de outras pautas que não são totalmente crise climática, mas que são linkadas ne, então a gente fala de justiça social, a maior parte do tempo.” (entrevistado A)

5 - Considerações Finais

Observando os níveis de gases de efeito estufa e o nível de emergência climática, o objetivo desse trabalho foi observar o perfil socioeconômico, motivacional e político dos jovens ativistas que se propõem a enfrentar esses problemas apesar das limitações impostas pela pouca idade e pelo sistema como um todo.

A partir de um questionário semiestruturado, limitado por um número pequeno de entrevistas, e da técnica bola de neve para se chegar aos jovens ativistas, foi feita a análise do perfil destes jovens no que diz respeito a dimensões: socioeconômicas, motivacionais e política. Foram feitas análises para buscar pontos em comum e dissonantes em relação a escolaridade, formação, conhecimento acerca de tratados internacionais, conhecimentos ambientais e sobre os instrumentos políticos que utilizam para influenciar tomadas de decisão.

Buscando responder à pergunta de pesquisa – qual o perfil socioeconômico, motivacional e político dos ativistas jovens que militam em prol de causas climáticas no Brasil? – o trabalho trouxe as seguintes respostas, que serão sistematizadas nos parágrafos que seguem.

Em relação a atuação deles, a pesquisa mostrou que as ações parecem ter algum grau de eficiência além de possuírem um perfil agregador, possibilitando maior visibilidade e prospectando atividades e projetos que irão de encontro com os objetivos propostos pelo grupo. Ações como o SOS Amazonia tiveram um alcance nacional e em mídias internacionais, fazendo com que os jovens se tornassem uma parte vital na ajuda da região naquele momento.

A motivação para atuação no movimento foi apresentada de formas diferentes pelos ativistas. Alguns se entusiasmaram a partir de percepções sociais, flagelos coloniais e desigualdades sociais que percebem na sociedade; outros foram se sensibilizaram pela causa ambiental mais direta, pelo desmatamento desenfreado, pela produção econômica que desrespeita os ciclos naturais e pela subserviência ao capital.

Apesar de o grupo se autodeclarar neutro politicamente e que não apoia claramente nenhum partido político, houve ações que foram coordenadas junto com atores políticos ativos, como deputados e vereadores, e há uma clara dissociação do grupo com o governo do atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro. Ações diretas como greves, protestos, e passeatas são comuns ao grupo, mas a situação do mundo com a pandemia da covid-19 fez com que o grupo se concentrasse mais em ações pela internet, como *twittassos* e campanhas de arrecadação através de *crowdfunding*.

Como continuidade do trabalho em explorar o perfil do ativista jovem, apontamos aqui caminhos que podem ser explorados e que podem apresentar um cenário maior e mais completo, principalmente quando observamos o Brasil e a América latina.

- Analisar perfil de comunidades tradicionais e os jovens presentes nas mesmas e como eles participam desse ativismo climático jovem.

- Procurar mapear áreas fora dos grandes centros urbanos, em um Brasil mais profundo, onde o estado não está presente e a mão do mercado é implacável.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Jen Iris. *The New Climate Activism: NGO Authority and Participation in Climate Change Governance*. University of Toronto press. Toronto, Canada. 2020

BALLEW, M. T., Marlon, J., Rosenthal, S., Gustafson, A., Kotcher, J., Maibach, E., & Leiserowitz, A. (2019). Do younger generations care more about global warming?. Yale Program on Climate

ChangeCommunication.<https://climatecommunication.yale.edu/publications/do-younger-generations-care-more-about-global-warming/>

BANDURA, A. *Social learning theory*. General Learning Press, NY. (1997).

COSTA, B. R. L. *Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica*. Revista Interdisciplinar De Gestão Social, 7(1). 2018.

EWERT, et al. *Vozes da permanência: A conservação Ambiental alcançada com o sistema da Agrofloresta*. Brasil. UFSC. 2013

_____ *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. Prentice Hall, EnglewoodCliffs, NJ. (1986)

FERRAZ, José Maria G. "As dimensões da sustentabilidade e seus indicadores." *Embrapa Meio Ambiente-Capítulo em livro científico (ALICE)* (2003).

FISHER, Dana R.; NASRIN, Sohana. *Climate Activism and its effects*. Focus Article. University of Maryland, College Park, Maryland. 2020.

HAN, Heejin, AHN, Sang Wuk. *Youth Mobilization to Stop Global Climate Change: Narratives and Impact*. Sustainability, MDPI. Pukyong National University. Busan, Korea. 2020.

LEE, Katharine. GIERSOE, Nathalia. O'NEILL, Saffron. BARNET, Julie Barnett. *Youth perceptions of climate change: A narrative synthesis*. Department of Social Psychology. University of Bath - Department of Developmental Psychology. Bath, UK. Department of Geography, University of Exeter, Exeter, UK. 2020.

LASCOUMES, Pierre; LE GALÈS, Patrick. *Sociologia da ação pública*. Maceió: Edufal. Maceió, AL. 2012.

LOURENÇO, Daniel Braga; DE OLIVEIRA, Fábio Correia Souza. Sustentabilidade, economia verde, direito dos animais e ecologia profunda: algumas considerações. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 7, n. 10, 2012.

MIZAELO MONTEIRO, Laura. *(Re)conhecendo os novos atores da arena política*. Brasília, DF. 2020.

NASSER, Ana Cristina (tradutora). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Título original: La recherche qualitative (vários autores). Coleção Sociologia, Editora Vozes. Petrópolis – RJ. 2008.

NOBRE, Carlos, SAMPAIO, Gilvan, SALAZAR, Luis. *Mudanças climáticas e Amazônia*. Cienc. Cult. vol. 59, no.3, São Paulo, SP. 2007.

O'BRIEN, K. SELBOE, E. HAWARD, B. M. *Exploring youth activism on climate change: dutiful, disruptive, and dangerous dissent*. *Ecology and Society*. 23(3):42. 2018.
<https://doi.org/10.5751/ES-10287-230342> acessado em 05/06/201.

SECCHI, Leonardo. *Políticas Públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos*. São Paulo, Editora Cengage Learning. São Paulo, SP. 2013.

SILVA JUNIOR, Roberto Donato; FERREIRA, Leila da Costa. Sustentabilidade na era das conferências sobre meio ambiente e desenvolvimento-um olhar para ecologia e economia. **Ambiente & Sociedade**, v. 16, n. 1, p. 1-18, 2013.

SILVA, R. W. C., Paula B. L. *Causa do aquecimento global: antropogênica versus natural*. Terræ Didática. 2009.

STRIKE STATISTICS. Fridays for Future. 2020. <https://fridaysforfuture.org/what-we-do/strike-statistics/> acessado em 15/06/2021.

SHUGARMAN, H. *How to talk to your kids about climate change: turning angst into action*. New Society Publishers. 2020.

ROSER-RENOUF, et al. *The genesis of climate change activism: from key beliefs to political action*. Published online, Springerlink.com. 2014.

UN ENVIROMENT. *The status of climate change litigation: A global review*, Nairobi, Kenya: UNEP. 2017. www.jstor.org/stable/10.7864/j.ctv86dhdr
<http://columbiaclimatelaw.com/files/2017/05/Burger-Gundlach-2017-05-UN-Envt-CC-Litigation.pdf> acessado em 20/06/2021

ÖZDEM, Yasemin. DAL, Burçkin. ÖZTÜRK, Nilay. SÖNME, Duygu. ALPER, Umut. *What is that thing called climate change? An investigation into the understanding of climate change by seventh-grade students*. International Research in Geographical and Environmental Education, 23:4, 294-313, DOI: 10.1080/10382046.2014.946323. 2014.

WACKERNAGEL, Mathis, REES, Willian E. *Our Ecological Footprint - reducing human impact on the earth*. Canada. New Society Publishers; Gabriola Island, BC, Canada. 1996.

WEBER, Natalia Cerezer. CENCI, Daniel Rubens. *A Crise Ambiental da sociedade de risco: A busca pela justiça Ambiental e sustentabilidade*. Brasil. UNIJUÍ. 2021

WITTEN, K. ALLEN, M. *A meta-analysis of fear appeals: implications for effective public. Health Campaigns*. Health Educ Beh. (2000) *WWF Brasil*. Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/pegada_ecologica/o_que_e_pegada_ecologica/ acessado em 04/06/2021

ANEXO

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO

- CARACTERIZAÇÃO:

1. Nome
2. Idade
3. Gênero
4. Raça
5. Cidade (s) em que mora e em que atua politicamente:

- PERFIL SOCIOECONÔMICO:

1. Grau de escolaridade:
2. Estudou ou estuda em escola/ universidade pública? Por quanto tempo?
3. Quantas línguas conhece (fluência ou instrumental):
4. Já viajou ao exterior? Quais países conhece?
5. Tem algum hobby?

- PERFIL POLÍTICO:

1. Ao seu ver, é o Estado ou o mercado/empresas privadas que precisam atuar para mitigar as mudanças climáticas? Justifique
2. Na sua opinião, o Brasil deveria dar ajuda externa e auxiliar o desenvolvimento de países de terceiro mundo?
3. Você concorda com a afirmativa “Igualdade é mais importante que crescimento econômico”? Justifique
4. Você acha necessário aumentar os impostos da indústria devido à preocupação com o clima?
5. Você concorda com a afirmativa “associações e sindicatos causam mais mal do que bem”? Justifique

- CONHECIMENTO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS:

1. As mudanças climáticas são influenciadas pelos seres humanos?
2. Na sua opinião, quais consequências o aquecimento global pode gerar num futuro de médio e longo prazo (10 anos e mais anos)?
3. Qual é o papel do Brasil no atual cenário climático? É um país importante? Por que sim ou por que não?
4. Você conhece o Acordo de Paris? Se sim, muito brevemente, o que é?

5. Quais outros acordos ou ações internacionais pelo clima você poderia listar?

- MOTIVAÇÃO:

1. Quanto tempo atua como ativista? E no movimento pelo clima?
2. Como entrou no ativismo climático?
3. Qual foi a sua pretensão ao aderir ao Jovens pelo Clima?
4. Qual é, atualmente, a sua pretensão agora que já faz parte do movimento?
5. Como você acha que suas ações podem mudar o comportamento da sociedade?
6. O que seria uma sociedade sustentável, em sua visão?
7. Quais mudanças na sociedade você espera observar a partir das práticas de intervenção do movimento Jovens pelo Clima?

- MOVIMENTO E ATUAÇÃO

1. Qual é a proposta desse movimento de Jovens pelo Clima? O que vocês querem?
2. Como o movimento influencia os jovens a aderirem a essa causa?
3. Quais são as formas de atuação do movimento (redes sociais; incidência política; dentre outros)?
4. Quais ações, ao seu ver, são mais significativas para o sucesso do ativismo climático e sua influência nas políticas públicas?
5. Qual foi o maior e mais grandioso impacto das ações do movimento Jovens pelo Clima que você já presenciou ou se recorda?